

# OS MECANISMOS PSÍQUICOS DO CIÚME NA PSICANÁLISE<sup>1</sup>

*Drielle Neves Vieira<sup>2</sup>*

*Nilda Martins Sirelli<sup>3</sup>*

## **RESUMO:**

O presente artigo busca compreender os mecanismos subjetivos em jogo na constituição do ciúme, tendo como norte a teoria freudiana. Para tal nos valem o complexo de Édipo e da teoria do narcisismo em Freud, onde pensaremos as posições edípicas marcadas pela rivalidade, e a disputa imaginária do objeto de amor, que estabelece um par-rival, no qual é depositado o ideal. Tal posição pode ser reencenada ao longo da vida, fazendo parte da outra cena inconsciente.

**PALAVRAS-CHAVE:** Complexo de Édipo. Ciúme. Rivalidade.

---

<sup>1</sup>O artigo é parte do Trabalho de Conclusão do Curso de Psicologia, na Faculdade Salesiana – Macaé.

<sup>2</sup> Psicóloga, formada em Psicologia pela faculdade Salesiana Maria Auxiliadora – Macaé/RJ. Tel: (22) 999081-837 E-mail: [drielle.vieira@gmail.com](mailto:drielle.vieira@gmail.com).

<sup>3</sup> Psicanalista, doutora em Memória Social pela UNIRIO, Professora dos cursos de Psicologia da faculdade Salesiana Maria Auxiliadora e Universidade Estácio de Sá/ Macaé. Rua Cantagalo, 237, Jardim Marilea, Rio das ostras – RJ. Tel: (22) 98857-4031/ E-mail: [nildasirelli@yahoo.com.br](mailto:nildasirelli@yahoo.com.br).

## Introdução

Na teoria freudiana o ciúme pode ser descrito como constitutivo, como pontua o próprio autor: “se alguém parece não possuí-lo, justifica-se a interferência de que ele experimentou severa repressão e, conseqüentemente, desempenha um papel ainda maior em sua vida mental inconsciente” (FREUD, 1922/1996, p. 271).

O ciúme é assim, parte da realidade inconsciente, e é nessa outra cena que precisamos buscar os mecanismos psíquicos que estão envolvidos na sua constituição.

Pela dependência originária do sujeito ao outro, e as conseqüentes implicações disso na relação edípica, percebemos o ciúme como estrutural no sujeito. Sua existência e permanência no inconsciente dependerão da solução ou dos desfechos possíveis diante do reconhecimento do primeiro objeto de amor de todo sujeito – a mãe –, assim como da perda desse objeto, que deixarão traços na constituição sexual e na forma do sujeito se posicionar diante dos seus objetos.

## O complexo de Édipo e a rivalidade com o par-rival

No texto sobre a Feminilidade (1933/2010), Freud declara que independente do sexo que anatomicamente possua, a criança é necessariamente cuidada por um outro semelhante, recebendo com os cuidados uma série de investimentos. Esse papel pode ser ocupado pela mãe, pai, ama de leite, ou qualquer outro que se responsabilize pelos seus cuidados e investimentos. Como uma via explicativa, citaremos a ocupação deste lugar sendo realizado pela mãe. Portanto, sendo essa mãe responsável por esse primeiro laço com a criança, ela conquista o lugar de primeiro amor, pois é ela quem limpa, alimenta e transmite afeto para aquele ser que sozinho, ficará a deriva, fadado à morte. A mãe proporciona à criança grande parte das sensações de prazer e saciedade que conhece até então, safando-a do desamparo radical.

Desse modo, é a mãe o primeiro amor da criança, seja menino ou menina. O bebê se reconhece como centro de todas as atenções e amor da mãe, ou seja, como sendo o falo<sup>4</sup> para ela. Essa relação é alterada quando ele descobre que o olhar da mãe é na verdade voltado para outro, que pode ser o pai, ou um irmão mais novo – dentre infinitas possibilidades – que ocupe seu lugar de desejo.

---

<sup>4</sup> Símbolo de plena potência e vitalidade, que supostamente garantiria ao sujeito alguma consistência.

*Psicanálise & Barroco em revista v.12, n2. p. 256-269: Dez.2014.*

Com isso, a criança percebe que não satisfaz inteiramente o desejo da mãe, já que esta última deseja outra coisa para além da criança, afinal, tem seu desejo voltado para outro. Logo, ela, assim como a mãe, é faltosa. Ela não é o falo da mãe como supunha, já que não pode completá-la, e imaginariamente tenta buscar aquele que poderia ter o falo.

Freud (1933/2010), também assinala que a criança se depara com o afastamento da sua fonte de alimentação, o seio de sua mãe, ou da suspensão da ama de leite, independente da duração deste cuidado, ou o aparecimento de um novo bebê na família. No primeiro caso, Freud observa a construção de fantasias como o medo do envenenamento, e a causa de suas posteriores doenças como consequências da interrupção da amamentação. A decepção da criança e a hostilidade referente à mãe iniciam neste momento, onde percebe que o outro é que supostamente possui o falo.

Com relação a uma chegada inesperada de outro bebê, a criança pode ainda atribuir à primeira, a queixa, por ser privada de sua insaciável sede de alimento e ter que dar lugar a ou outro, por quem foi “trocada”. As atenções e cuidados são também destinados a quem mais necessita, o menor bebê; este que gera cada vez mais no irmão, sentimentos rancorosos e hostis relacionados à mãe.

Pela atual situação de troca, a criança sente-se lesada, podendo provocar a regressão de suas atividades conquistadas. Por desejar total exclusividade sobre a mãe, a cada novo membro na família, haverá um conflito, mesmo que o tratamento permaneça o mesmo. Freud ensina: “Destronada, espoliada, lesada em seus direitos, acalenta ódio e ciúme pelo irmãozinho e desenvolve, em relação à mãe infiel, um rancor que frequentemente se exprime numa deplorável mudança de comportamento” (FREUD, 1933/2010, p. 277).

Até a fase fálica<sup>5</sup> meninos e meninas têm as mesmas características em seu desenvolvimento. Os prazeres em seus órgãos sexuais acontecem de maneira igual, com a masturbação para a conquista do prazer. Acreditam que todos são iguais e que “a garota é um pequeno homem” (FREUD, 1933/2010, p. 270).

Durante a fase fálica, acontece a descoberta da diferença dos sexos. Ambos se surpreendem com o novo, onde o menino tem algo que a menina estranhamente não

---

<sup>5</sup> Em um primeiro momento, o investimento da mãe passa primordialmente pelo corpo do bebê. Freud nos fala que em um primeiro momento lógico, a boca é o local de privilegiado investimento materno (fase oral), e no momento da constatação de diferença sexual dos genitais, ou mais primordialmente o pênis (fase fálica).

possui. Frente a essa situação, imaginam que aquele ser propriamente tem alguma deficiência, ou seja, que esta é uma característica de apenas uma pessoa.

Ao se depararem com o fato que também a mulher adulta é despossuída do pênis, percebem gradativamente em suas observações que não é uma deficiência específica, e sim, o corpo de todas as mulheres. Meninos e meninas relacionam isso a linhas de pensamentos distintos. Independente do sexo que tenham, ambos serão marcados por complexos como Édipo e Castração a partir de então.

O menino segue o caminho do medo de perder seu órgão genital, de ser castrado e ficar somente com o vazio, assim como as meninas. Enquanto a menina se depara com a falta, a inveja, e o constante desejo de ter algo como eles, aquilo que representa o falo, o pênis. Quando menino se depara com a ausência de pênis na menina, nota que há algo de indispensavelmente prazeroso que ele não encontra no corpo dela. Neste momento, ele se lembra de todas as ameaças que lhe foram lançadas, relacionadas à ocupação de seu membro de satisfatório prazer, e com a visão de falta na menina, pondera que este órgão pode ser realmente removível, como sua mãe lhe dissera.

Unindo a memória ao seu novo conhecimento, deduz que a menina por não obedecer às exigências de sua mãe, foi ameaçada. Mas, permanecendo com sua conduta, retiram-lhe seu mais satisfatório órgão de prazer. A partir de então se instala o medo da perda do pênis, que se alastra por outros campos do psiquismo posteriormente.

Não distante da reação do menino, a menina observa a diferença encontrada, sente-se prejudicada ao perceber que possui apenas a falta, o vazio no lugar de algo que deveria também lhe pertencer, mas que por algum motivo ainda não cresceu, mas que possuirá um dia.

A inveja do pênis se instala na menina de forma significativa, e sua esperança chega ao fim quando descobre gradualmente, que mulheres adultas também são como ela, inclusive sua mãe, ou seja, o pênis nunca crescerá. Sua inveja e angústia com seu vazio, traz a menina uma série de questões, e influência em inúmeros campos de seu desenvolvimento posterior.

A descoberta é impactante para ambos, mas a partir daí eles seguem caminhos distintos um com o medo da castração ser verdadeiramente concretizada, e a outra com a inveja e mudança do relacionamento com a mãe.

Passando pelo impacto da castração, o menino que estava em seu amor inabalável para com a mãe, agora permanece com a constante ameaça de castração caso

continue a se ocupar do pênis. Com medo da perda do seu órgão, o menino opta por abrir mão de seu primeiro amor.

Pelas escolhas que faz, o menino sai do complexo de Édipo, passa pelo de Castração e segue para o período de latência, momento em que há o silenciamento das questões ligadas a sexualidade, que se iniciam na primeira infância e depois da latência, retornam na puberdade.

Seguindo a trajetória, o menino leva esse amor materno por toda a vida, passando pelo Complexo de Édipo, pela Castração, mais ainda carregando-o ainda que inconscientemente.

Em relação a menina, notamos um trajeto diferente do menino quando se trata dos sentimentos e da ordem dos acontecimentos. Ela mantém o seu primeiro amor – assim como ele – até a descoberta do vazio que lhe ocupa no lugar do falo. Ao descobrir, gradativamente, que aquela alteração não apenas sua, a menina passa a reconhecer a mãe como a verdadeira culpada pelo que lhe falta, notando o menino como melhor aparelhado e ela apenas portadora do vazio.

Com isso, passa a ver a mãe com outros olhos, hostilizando-a e culpando-a por ter errado definitiva e imperdoavelmente em sua produção e preenchimento corporal. Considerando que é a mãe quem desperta as prazerosas sensações no toque as zonas erógenas, e é a mesma quem proíbe esta manipulação de prazer durante a fase fálica, a castração também torna-se uma fonte de hostilidade. Por essa sequência de motivos, ocorre então a oposição dos sentimentos antes destinados à mãe.

Seu olhar volta-se para o pai, que é visto neste momento como o portador do falo, pois é ele quem tem o pênis. Por consequência da inveja, a menina coloca o pai como seu objeto de desejo, visto que o que sua mãe não lhe deu, ela busca obter do pai.

No entanto, nota que o objeto de amor do pai é a mãe, e ao contrário do esperado, o foco total de concentração e atenção não é ela. Então, reconhece a mãe como rival, pois é ela quem está na posição de desejo do pai, posição essa que a menina busca alcançar.

Com afetos ambíguos direcionados à mãe, mas, no entanto, desejando ocupar seu lugar, a menina inicia um movimento de identificação à mãe. Para ocupar o lugar que é de outro, ela se coloca na mesma posição, imitando-a, tentando chamar tanta atenção quanto sua atual rival.

A menina entra no Complexo de Édipo, estabelecendo o relacionamento de amor com o pai e de rivalidade com a mãe:

Para a menina, a situação edípica é o resultado de um desenvolvimento longo e difícil, uma espécie de solução temporária, uma posição de descanso que não é logo abandonada, especialmente porque o início do período de latência não se acha distante (FREUD, 1933/2010, p. 285).

No início do complexo de Édipo, a mãe encontra-se totalmente hostilizada pela menina, e há com a mudança do seu objeto de amor para o pai, passa também a ser sua rival, pois é ela quem obtém tudo o que a menina deseja. A menina permanece no Édipo durante uma longa escala de tempo, e é a castração que é por ela descoberta que altera os objetos de amor. Ela não tem o medo de perder algo que já não possui, então, a castração dá lugar ao Édipo. Enquanto o menino, ao se deparar com a castração, abandona o Édipo, pois entre seu amor objetal e a permanência de seu pênis, ele opta pelo segundo caminho.

O complexo de Édipo é registrado como um traço importante do desenvolvimento sexual da criança, pois podemos perceber uma série de registros que permanecem na criança como possibilidade de constituição de uma vida amorosa.

Um traço do Complexo de Édipo merece ser destacado em nosso trabalho: a rivalidade.

A mãe é o primeiro objeto de amor de meninos e meninas, logo, o pai aparece como um rival na relação, formando uma triangulação marcada essencialmente pela rivalidade: Por que ela (a mãe) deseja a ele e não a mim (a criança)? O que ele (o pai) tem que eu (a criança) não tenho?

A criança (tanto o menino quanto a menina) e o pai desejam o mesmo objeto, e, em consequência, a criança se coloca em competição com o pai, encarando-o como alguém que tenta lhe tomar o que é seu, o amor da mãe. Estabelece-se uma relação de rivalidade e competição, pois a criança quer tomar o lugar do pai e ser o objeto de desejo da mãe.

Por conta da rivalidade estabelecida, o filho direciona afetos repletos de agressividade e ódio para o pai, pois se é ele quem tem o amor da mãe, ele deve ser eliminado. Neste momento, a criança alcança o pensamento de acabar com a presença do pai, refletindo inclusive sobre sua morte, pois só dessa maneira – sem ter o outro – será definitivamente o único amor da mãe.

Como a mãe tem seu amor voltado para o pai, a criança conclui que o que a mãe deseja, lhe falta, ou seja, ele supõe que é um sujeito faltoso. Enquanto ele tem a falta, o pai tem o objeto de desejo da mãe e pode lhe oferecer.

Esse caminho é seguido por todas as crianças, independente da distinção dos sexos. A mudança de um para o outro se inicia no seguimento deste instante em diante. Por exemplo, o menino permanece com a rivalidade por um e o amor incondicional por outro durante todo o período do Édipo, onde deseja incessantemente a mãe.

No entanto, ao passo que entra no complexo de Castração, e que seu amor é ameaçado pelo corte do pênis, o menino se vê no momento de escolher se permanece no amor e o desejo impossíveis de serem conquistados com exclusividade e corre o risco de ter seu órgão de prazer arrancado, ou se abandona o amor pela mãe, para manter o prazer de seu órgão.

Encontramos então a saída do Édipo, pois por medo da castração, o menino abre mão do amor pela mãe, para que com o pênis mantido no corpo, possa ter todas as outras mulheres que desejar.

Em vista de que o pai tem o que a mãe deseja, e que o menino abriu mão da disputa pelo amor, ele passa a encarar o pai de outra maneira, se identificando com ele. O filho inicia o relacionamento com o pai de maneira mais branda e com afetos menos negativos, abandonando o ódio e agressividade para dar lugar à observação e identificação.

Afinal, se é aquele homem que a mulher que ele tanto amou deseja, supomos que ele tem algo que o filho se diz faltoso. Então, para ter todas as outras, o menino precisa aprender a ser como o pai, para também ter o objeto de desejo das mulheres.

Já nas meninas, como vimos, essa saída é um pouco mais complicada e lenta.

recebemos assim, que a ambivalência dos afetos que oscilam entre amor e ódio são frequentes nas crianças desde o princípio. Mesmo no início da vida, o bebê se depara com a falta que sua mãe faz nos momentos de fome ou higiene, bem como com a saciedade e prazer quando ela chega e o satisfaz, e aqui a ambivalência já pode ser percebida. Contudo, pelos interditos morais da cultura, muito dessa ambivalência vai sendo recalcada e negada é mantida no inconsciente.

No ciúme a ambivalência das relações amorosas é posta em cena. O que restava recalcado retorna com toda força, subjulgando o sujeito e seu par amoroso. Aliado ao complexo de Édipo, o narcisismo parece ser uma importante ferramenta conceitual para pensarmos o ciúme.

### **O narcisismo e a constituição do Ideal de Eu**

O bebê é tomado pelos pais como objeto de investimento, pois nele poderão fazer valer todos os seus desejos não realizados. Tendo em vista de que não conseguiram conquistar isto ou aquilo, tentarão levar seu filho a seguir o caminho que sempre quiseram, e que tiveram que abrir mão pelas contingências da vida. O bebê se enxerga como “sua majestade”, centro de todo amor e desejo deles, como correspondente ao ideal dos pais, encarnando em si o Eu Ideal, aquele que reflete e responde a todas as expectativas dos pais, realizando vontades e conquistando seus sonhos.

O filho “se acha de posse de toda preciosa satisfação” (FREUD, 1914/2010, p. 40), mas, no entanto, os pais são os responsáveis por tal posicionamento da criança, pois eles o veem como alguém absolutamente perfeito que lhe suprirá todos os desejos não alcançados. Sendo assim, eles não reconhecem defeitos e dificuldades, no lugar disso, apenas potencialidades e perfeições que outra pessoa não notaria.

Freud destaca isso quando afirma que a criança “deve concretizar os sonhos não realizados de seus pais, tornar-se um grande homem ou herói no lugar do pai, desposar um príncipe como tardia compensação para a mãe” (FREUD, 1914/2010, p. 37). É com esse investimento dos pais que a criança se reconhece como o Eu Ideal, pois tem o compromisso de realizar os sonhos que seus pais não conseguiram conquistar.

No entanto, percebemos que no decorrer do tempo, pais e filhos descobrem que esse ideal não responde conforme planejavam. Há uma sequência de frustrações que mostram que a criança não é o reflexo perfeito do que os pais gostariam, afinal, não é apenas um boneco que eles podem manipular da maneira que desejarem.

O filho, também frustrado por não poder conseguir dar o retorno esperado, pois aparece como faltoso para os pais, saindo dessa completude imaginária estabelecida por seus cuidadores. Porém, ele não abre mão facilmente do seu ideal, mas como não pode se realizar com ele, constrói o Ideal do Eu.

Como no Complexo de Édipo, a criança passa a se valer dos recursos identificatórios oferecidos pelos pais e constrói um ideal, onde deposita uma expectativa no futuro, reconhecendo que ele ainda não é o ideal, mas vai vir a ser um dia.

A partir da formação do Ideal do Eu, o indivíduo busca constantemente alcançar uma meta que estabeleceu para sua vida. Ou seja, ele inicia um movimento de busca, onde está sempre comparando o status presente para descobrir se está perto de conquistar seu futuro ideal.

Se deparando novamente com a frustração, o sujeito pode começar a se comparar ao outro que possui algo que ele deseja conquistar, pode ser um sentimento, uma postura, um amor, etc. Junto com a comparação, ele adere à culpa por não conseguir alcançar seu ideal, pois mesmo com sua identificação e tentativas, ele nunca chega ao nível que deseja.

Mais uma vez com a falta instalada em sua psique, podemos supor que esse ideal que ele não conseguiu conquistar pode ser projetado no outro que lhe acompanhará. Ele procura sempre alguém que lhe preencha os requisitos para o ideal, e se compara constantemente com o outro escolhido. Ou seja, o sujeito dono do seu Ideal do Eu, busca no outro esse ideal e se mantém sempre se medindo através do outro.

Retornando a relação edípica, a comparação com o outro traz o sentimento de rivalidade e reconhecimento da criança com o pai, que é o portador do falo. Ao se medir pelo o outro, o indivíduo enxerga que o outro tem o que ele deseja ter, impondo novamente o sentimento de rivalidade.

Justamente nessa construção de conjunto de sentimentos que envolvem comparação, raiva e inveja, por exemplo, é possível estruturar uma via do ciúme. Conjecturamos que o ciúme é marcado pelo retorno dessas posições edípicas, marcadas pela rivalidade, por si medir por um ideal, do qual se está sempre aquém, e pela ambivalência com o objeto amoroso.

No ciúme há sempre um rival, alguém que terá algo que ele não tem para oferecer ao seu cônjuge, no qual projeta o Ideal do qual ele está aquém. Tal rivalidade faz aparecer a face hostil direcionada ao objeto amoroso, já que ele pode escolher o outro a qualquer momento, lançando o sujeito no desamparo.

Freud (1922) nos fala aponta uma possibilidade que também é bastante interessante para pensarmos alguns casos de ciúme: o sujeito trai, e projeta no parceiro amoroso essa condição. Nesse sentido, o ciúme é derivado da infidelidade concreta e está associado, no próprio ciumento, com o seu próprio desejo de trair o parceiro. O sujeito atribui ao parceiro erótico a própria infidelidade, ou os próprios impulsos recalçados.

Outra possibilidade apontada por Freud estaria no ciúme como parte de um delírio, e logo, presente na psicose. Como todo delírio, seria marcado por convicção e

certeza subjetiva, não podendo ser removível pela prova de realidade. O sujeito sofre constantemente, se vê atormentado com a infidelidade do parceiro, quase sempre sem motivo real, tendo a absoluta certeza de que é traído (a), mesmo que as evidências provem o contrário. O indivíduo vive em função do outro, é atormentado constantemente pela ideia que outro pode estar com outra pessoa, vivendo em estado de tensão.

### **Considerações Finais**

No modo como abordamos aqui, o ciúme é, pois, uma forma do sujeito atualizar uma perda a cada instante, e junto com ela coloca em cena sua posição de objeto que está sempre aquém do Ideal, sempre a menos em relação a um outro. Freud (1922/1996) já afirmava que o ciúme se compõe essencialmente do “leito”, pela dor causada pelo objeto que achamos ter perdido, e pela humilhação narcísica.

Para psicanálise o sujeito é faltoso, pois a falta é estrutural ao sujeito, e é partir dela que ele poderá se constituir, ainda que tomando do outro traços a partir dos quais ele possa se ancorar. Porém, cada sujeito vai lançar mão de estratégias muito próprias para lidar com a falta. A suposição que outro tem o falo, que o seu objeto de amor deseja, é uma posição infantil, que visa escamotear a falta: eu não tenho, mas em algum lugar tem alguém que tenha. Há falta não é impossível de tamponar, eu que sou impotente diante dela pelas minhas contingências, das quais o outro supostamente não participa. Mas, como Freud nos ensina, as posições infantis são recalçadas, mas continuam a fazer parte da vida psíquica, de forma que no sujeito sempre habita o infantil.

O meu objeto de amor, não é a mim que ele deseja, mas o outro, que tem suas qualidades engrandecidas, enquanto o próprio sujeito é diminuído. O sujeito rivaliza com o outro, ou com seu próprio ideal, que é impossível de ser efetivado. Ao lançar o ideal no outro o sujeito exclui seu caráter de impossibilidade, que faria valer sua posição de faltoso. Ao se colocar na impotência, e não na impossibilidade de atingir o ideal o sujeito nega a falta que é constitutiva, e se coloca como inteiramente dependente do desejo daquele que ama, e do outro dele mesmo: seu rival.

O sujeito expõe como sintoma, o medo de perder algo que ele supostamente considera que lhe dê o que necessita, o que lhe falta, e passa a rivalizar, pois supõe que

há um outro que disputa o seu objeto de amor, e que esse outro tem o que seu objeto deseja, e ele não. Posição que nega a falta que nos é constitutiva, e atualiza o desejo infantil de completude e posse do objeto amoroso.

**Referências**

FREUD, S. (1914/2010). Introdução ao narcisismo. In: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. V. 18. v. 12.

FREUD, S. (1922/1996). Alguns Mecanismos neuróticos no ciúme, na paranóia e no homossexualismo. In: E.S.B. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19.

FREUD, S. (1933/2010). Conferência XXXIII: Feminilidade. In: O mal estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

## **THE MECHANISMS OF PSYCHIC JEALOUSY IN PSYCHOANALYSIS**

### **SUMMARY:**

This article seeks to understand the subjective mechanisms involved in the formation of jealousy, with the north Freudian theory. For this we rely on the Oedipus complex and the theory of narcissism in Freud, where we will think oedipal positions marked by rivalry, and the imaginary dispute the love object, establishing a peer-rival, which is deposited ideal. This position can be replayed throughout life as part of another unconscious scene.

**KEYWORDS:** Oedipus complex. Jealousy. Rivalry.

## **LES MÉCANISMES DE JALOUSIE PSYCHIC EN PSYCHANALYSE**

### **RÉSUMÉ:**

Cet article cherche à comprendre les mécanismes subjectifs impliqués dans la formation de la jalousie, de la théorie freudienne nord. Pour cela, nous comptons sur le complexe d'Œdipe et la théorie du narcissisme chez Freud, où nous penserons positions œdipiens marquées par la rivalité, et le conflit imaginaire l'objet d'amour, l'établissement d'un peer-rival, qui est déposé idéale. Cette position peut être rejoué long de la vie dans le cadre d'une autre scène inconsciente.

**MOTS-CLÉS:** Complexe d'Œdipe. Jalousie. Rivalité.

Recebido em: 28/08/2014

Aprovado em: 10/11/2014

©2014 Psicanálise & Barroco em revista

[www.psicanaliseebarroco.pro.br](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br)

Núcleo de Estudos e Pesquisa em Subjetividade e Cultura – UFJF/CNPq

Programa de Pós-Graduação em Memória Social – UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

[www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php](http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php)

[revista@psicanaliseebarroco.pro.br](mailto:revista@psicanaliseebarroco.pro.br) [www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista](http://www.psicanaliseebarroco.pro.br/revista)